

Derrubada de barracos

19 JUN 2003

SIVSOLO RETIRA INVASORES DE ÁREA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL NO LAGO SUL. CONDIÇÕES PRECÁRIAS DE HIGIENE E CONVIVÊNCIA COM ANIMAIS COLOCAVAM EM RISCO A SAÚDE DAS FAMÍLIAS

Thomaz Pires

A operação de derrubada de barracos erguidos em área pública no Lago Sul pegou os invasores de surpresa. A ação de retirada, que ocorreu ontem pela manhã, foi realizada conjuntamente pelo SivSolo, Administração Regional do Lago Sul e Polícia Militar. Os invasores estavam instalados em uma área de preservação ambiental, localizada na QL 2 Conj 7, e conviviam com as capivaras, carrapatos e macacos, animais típicos da fauna silvestre. A fiscalização constatou que as condições de vida oferecidas pelo local representavam ameaça para a saúde dos invasores. O lixo despejado em um córrego próximo à área invadida incomodava a vizinhança com o mau cheiro, além de sujar o lago. Os moradores do conjunto estavam preocupados com o número de gente que ocupava a área, e reclamaram para Administração Regional.

Os invasores não resistiram à operação de retirada, que foi realizada de forma pacífica. Eles haviam sido informados há algumas semanas pelo Centro de Desenvolvimento Social (CDS), que deveriam deixar a área. As famílias que ocupavam o local há mais de três meses foram encaminhadas para o albergue, onde poderão ficar o tempo que for necessário para



Invasão estava localizada no conjunto 7 da QL 2

regularizar a situação.

A administradora Regional do Lago Sul, Natanry Osório, esteve presente na operação e conversou pessoalmente com os invasores. "A ação é de caráter preventivo social e ambiental. Defender a natureza e o ser humano é o objetivo desta ação", disse a administradora. Ela ainda ressaltou o risco do contato direto com a mata ciliar em que os invasores estavam submetidos. "O carrapato que enfraquece eles

(invasores) muitas vezes vem da capivara. O risco de doenças aqui é muito grande, mas os invasores insistem mesmo em morar desta maneira", comentou a administradora.

Josemilda Maria, 33 anos, foi uma das desapropriadas da invasão. Ela veio da Bahia com a esperança de conseguir emprego na capital. Ela diz preferir voltar para a Bahia a ter que morar no albergue. Segundo ela, a incidência de alcoólatras

no albergue é muito grande. "O pessoal da Administração tira a gente daqui e ainda quer que eu coloque os meus filhos para morar com os malandro? Prefiro que eles paguem minha passagem de volta para Salvador", disse a desempregada. Para Joilson da Silva, 42 anos, catador de latinhas, que também foi desapropriado, a invasão é uma maneira de sobreviver. Ele afirma não ser a primeira vez que participa de invasão. "Só nesses

últimos quatro anos eu já participei de seis invasões. As pessoas acham que a gente vem aqui para roubar e atrapalhar. Elas não imaginam o quanto é horrível não ter onde morar", diz o catador de latinhas. Ele ainda diz que a exploração no trabalho prejudica a sobrevivência. "As pessoas que compram as minhas latas pagam muito mal. O dinheiro não dá para pagar o retalho de carne para minha família", disse o catador.

Carlos Jacobina